

MONITORES PROFESSORES EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA DO MST/SE:

compartilhar para emancipar.

*Maria José Nascimento Soares**

RESUMO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) aglutina trabalhadores rurais para conquistar direitos sociais, através da promoção de cursos de formação política e pedagógica com a intenção de formar o novo homem que se consolidará no coletivo. Na perspectiva de explicitar a práxis desses monitores professores envolvidos no MST, especialmente, no Estado de Sergipe, surgiram questionamentos a respeito da peculiaridade dessa ação docente. Portanto, o objetivo desse artigo é o de revelar a ação docente dos monitores professores como elemento viabilizador das conquistas de direitos sociais, através do compartilhar para emancipar.

Palavras-chave: Educação. Ação docente. Emancipação.

ABSTRACT

The Movement of Rural Workers Without Soil (MST) agglutinates rural workers to conquer social rights, through the promotion of courses of political and pedagogic formation with the intention of forming the new man that will consolidate in the collectivity. In the perspective of explaining the monitors teachers' practice involved in MST, especially, in the State of Sergipe, inquiries appeared regarding the peculiarity of that educational action. Therefore, the objective of that article is it of reveal the monitors teachers educational action as element that makes possible the conquests of social rights, through sharing to emancipate.

Keywords: Education.

1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, os homens sempre procuraram formas adequadas para sobreviver na natureza. Suas conquistas tomaram rumos diversificados a medida em que eles buscaram formas diferenciadas de organização.

Historicamente, a desigualdade tem origem nas relações sociais entre os habitantes da terra, entretanto, índios, latifundiários, sem terra, advogados, políticos e lideranças de movimentos sociais buscam mecanismos de minimizar essa desigualdade. Pois, segundo Ianni (1981, p. 87),

[...] na prática cada um sabia o que era seu, qual era a extensão dos seus limites. A ausência de cercas ou marcas e marcos físicos nas terras não significa a ausência de cercas, marcas e marcos nas posses de cada um. Os limites físicos poderiam ser um tanto indiferentes, mas as relações sociais ali constituídas deixavam bastante

* Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Betânia Leite Ramalho, vinculado à Linha de Pesquisa "Formação e Profissionalização Docente" do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

claro os limites do que era “meu”, “seu”, dos índios, ou terras de ninguém, do sem fim.

Na contemporaneidade, observa-se em diversos meios de comunicação notícias sobre o nível de desigualdade social que atinge a humanidade, em especial, o Brasil, com uma distribuição de terra desproporcional ao espaço territorial que tem. Essa desigualdade existente entre os homens na atualidade amplia a necessidade de uma organização através de movimentos sociais, especialmente, para a concretização da Reforma Agrária em nosso País.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ao entender a discrepância social e econômica, toma como bandeira de luta a superação da desigualdade social. Segundo Stédile e Fernandes (2000, p. 74) “[...] a nossa luta é para derrubar três cercas: a do latifúndio¹; a da ignorância e a do capital”. O MST aglutina trabalhadores rurais para assegurar a conquista da propriedade da terra e “[...] para adquirir o bem que querem, os audaciosos não temem o perigo, os avisados não rejeitam a dor” (LA BOÉTIE, 1982, p. 15).

Assim sendo, no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) impulsiona através do processo educativo a organização de sujeitos para lutarem pela conquista da terra através da implementação dos valores humanistas e diminuir as disparidades sociais. Pois, “[...] a democratização da terra cria condições para que as pessoas saiam da pobreza e se eliminam as desigualdades sociais” (STÉDILE; FERNANDES, 2000, p.161). Desse modo, o MST iniciou uma luta em nível nacional pela educação a fim de garantir o direito de todos à escolarização, objetivando “[...] viabilizar com mais qualidade a forma política e técnica demanda hoje pelo contexto da atuação do Movimento” (CALDART, 1997, p. 38). Para a efetivação, realizou parcerias junto instituições sociais, especialmente as Universidades.

Em Sergipe, no campo da educação, a parceria se efetivou com a Universidade Federal de Sergipe (UFS) através do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização (NEPA) do Departamento de Educação, do qual participava. Objetivando a Alfabetização de Jovens e Adultos nas Áreas de Reforma Agrária, o projeto inclui cursos de capacitação e escolarização para os monitores² dos assentamentos em nível de Ensino Fundamental e Médio³. Minha inserção, como professora, no referido projeto, provocou questionamentos

¹ Desse modo, Ianni compreende o [...] latifúndio como o estabelecimento rural no qual o trabalho se acha apenas formalmente – e não de modo real – subordinado ao capital. Aliás, frequentemente o latifúndio combina diferentes modalidades de trabalhadores e de organização social (IANNI, 1981, p. 90)

² Utilizo o termo monitor para designar os professores responsáveis pelo processo educativo nas áreas de assentamentos de Reforma Agrária.

³ Foi desenvolvido no período de 2001/2003, o Projeto de Formação do Educador Popular, no ensino normal, em nível médio, em áreas de Reforma Agrária, vinculado ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, através da parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Sergipe (FETASE); Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão do Estado de Sergipe (FAPESSE); Secretaria de Estado da Educação e do Desporto (SEED) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Pro-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX), Departamento de Educação

como: O que monitores professores pensavam sobre a proposta de educação do MST em relação aos princípios filosóficos e pedagógicos? Que tipo de ligação eles seriam capazes de fazer para operacionalizá-los? Que sentidos eles atribuem a sua ação docente?. Elementos que são motivadores de nossa tese, em elaboração, vinculado à Linha de Pesquisa Formação e Profissionalização Docente, do Programa de Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de cujo estudos decorre o presente artigo.

Assim sendo, fui investigar, através de entrevistas realizadas no mês de outubro de 2004, no Estado de Sergipe, a prática pedagógica do monitor professor, sua ação docente em áreas de assentamento do MST, na perspectiva de revelar essa ação docente.

Assim é que pretendo, neste artigo, revelar a ação docente dos monitores professores como elemento viabilizador das conquistas de direitos sociais. Para tanto, inicio explicitando a importância da educação para o MST ressaltando a peculiaridade da ação docente dos monitores professores, como expressão do compartilhar para emancipar.

2 A EDUCAÇÃO PARA O MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) aposta na capacidade dos seus monitores professores na medida em que assegura uma formação que lhes garanta o acesso aos diversos níveis de escolarização que foram negados historicamente ao longo desses anos, investe na formação escolarização de quadros profissionais, envolvendo toda a dimensão política, social, econômica e afetiva. Considera, portanto, que a capacidade organizacional lhes possibilitará ampliar a visão de mundo; compreender o valor e o uso do conhecimento para a libertação, reacendendo a esperança para aqueles que sonham por um mundo melhor “re-educa as pessoas num processo constante porque estamos sempre em mutação [...] enquanto há vida, há mudanças e há transformações sociais” (Sandra Oliveira, coordenadora pedagógica do setor de educação, região agreste/SE).

A aplicabilidade dos princípios filosóficos do MST⁴ fortalece a ação docente do monitor professor à medida que atender aos interesses dos alunos trabalhadores mediante um gradativo processo de tomada de consciência, no qual o monitor professor estabelece uma reflexão sobre sua ação docente, o que explica a necessidade de adotar novas

(DED), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização (NEPA). É uma proposta de trabalho de extensão voltado à formação de monitores/alfabetizadores, tendo como objetivo básico promover a formação em Magistério dos monitores, possibilitando ampliação de conhecimentos e capacitação para atuar nas áreas. Contou com a participação dos professores do Departamento de Educação, Serviço Social, Psicologia, Filosofia, Química, Física, Biologia, geografia, História, professores do Colégio de aplicação e da Rede Estadual de Ensino.

⁴ São princípios filosóficos do MST “ [...] educação para a transformação social; educação para o trabalho e a cooperação; educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana; educação com/para valores humanistas e socialistas; educação como um processo permanente de formação/transformação humana. (ALFABETIZAÇÃO..., 1996, p. 10).

estratégias metodológicas e de propor um reordenamento na organização e na mobilização dos princípios definidos pelo MST.

Ao examinar esses pressupostos filosóficos da educação do MST, estes advogam a possibilidade de emancipação dos alunos trabalhadores numa perspectiva de encontrar saídas para o enfrentamento dos problemas existentes nos assentamentos. Esses princípios estão carregados de significações que implicam num entendimento mais aprofundado da proposta pedagógica do MST e que ao direcionar sua ação docente potencializa uma prática voltada para a necessidade de avançar na luta por mais direitos, como sejam: saúde, educação, habitação, lazer e etc.

Nesta perspectiva, a atividade de ensinar no assentamento é basicamente exercida por monitores professores escolhidos através das reuniões, assembléias, na medida em que seus membros verificam qual seria aquele que atende aos interesses dos alunos trabalhadores e que pode de fato exercer a função do ensino no assentamento.

Há uma especificidade do monitor professor que é recheada de singularidades, pois à medida que enfrenta o desafio de formar alunos trabalhadores vive numa pluralidade de funções, tais como: agricultor, líder de massa e líder familiar. Os papéis que constituem a cotidianidade dos monitores professores propõem alternativas para um fazer pedagógico diferenciado.

Para isso, é esperado que o monitor professor esteja imbuído de princípios capazes de recriar constantemente as próprias condições de trabalho; de compreender as especificidades do homem do campo; de entender a pluralidade de valores e concepções de mundo e, sobretudo, de buscar o acesso às informações que viabilizem a compreensão da conjuntura atual. Além da necessidade de uma postura política que implica em reconstruir e fortalecer o movimento em relação aos objetivos educacionais para resolver problemas que surgem nos espaços de Reforma Agrária.

O investimento na formação escolarização desse monitor professor favorece uma elevação do seu nível de qualificação, ampliando as possibilidades de desenvolver competências que possam atingir aos objetivos propostos pelo projeto pedagógico do Movimento. Em estudos avaliativos acerca da formação dos monitores professores, Andrade e Di Pierro, reafirmam a importância dessa para a realidade dos assentamentos por:

[...] assegurar profissionais com formação e titulação adequados às características e aos desafios da realidade do campo, para atuarem na escolarização de educação infantil até o ensino médio nas áreas de assentamentos rurais [...] suprir uma deficiência histórica no meio rural, possibilitando ao ensino superior aos jovens do campo (ANDRADE; DI PIERRO, 2004, p. 74).

Isto porque o processo educativo definido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é aquele “[...] capaz de tomar os companheiros e companheiras sujeitos plenos de seu processo de capacitação e construção de um novo projeto de sociedade” (ALFABETIZAÇÃO..., 1994, p. 9). Como também, capaz a contradições, buscar mediações entre os saberes, rompendo barreiras estabelecidas na conjuntura atual, criando, assim, situações em que se dê o encontro humano em todas as múltiplas dimensões: troca de experiências, idéias, opiniões, relações interpessoais, valorizando as ações frente ao desempenho de suas funções sociais.

Dessa forma, o MST entende a educação como sendo uma prática de intervenção da realidade social. Caldart (1997, p. 9) explicita que:

[...] se trata de um direito de cidadania, representa a possibilidade de acesso a certos tipos de saberes que fazem efetiva diferença na formação/educação onilateral de sujeitos de transformação social e da reconquista da dignidade humana.

Por esse motivo o MST delineou uma proposta de educação voltada exclusivamente para os assentamentos porque entende que não é qualquer tipo de educação que possa atender aos interesses dos assentados, mas aquela que liberta das amarras da opressão e da exclusão social, numa perspectiva emancipatória “compartilhada para dar liberdade na construção de uma nova sociedade” (José Adérico Cruz, monitor do Assentamento Vaza Barris, município de Pinhão/SE).

Nesta perspectiva, os processos educativos devem ser dinâmicos, contínuos e interativos e as ações docentes devem contemplar um trabalho pedagógico em que o monitor professor reflita sobre uma educação voltada para as minorias, fornecendo-lhes todas as possibilidades de um desvelar pessoal, ou seja, “[...] alguém que seja capaz de manter desperto no educando o princípio da cultura continuada” (JAPIASSU, 1975, p.148).

Desse modo, o Movimento elabora propostas educativas que garantem, na sua operacionalização, o fortalecimento da organização social - MST, quando forma monitores professores, que, afiliados à causa da Reforma Agrária, são militantes e têm como pressuposto a transformação social através da educação. Esse processo, implica, para Molina, em aprofundamento das idéias e em reflexões teóricas desenvolvidas na ação docente, visando a formação humana, ou seja, pensar numa

[...] educação voltada para a formação humana em que os sujeitos possam desenvolver diferentes habilidades para questionar e reorganizar os conhecimentos e saberes, uma educação que forma sujeitos atentos ao movimento do seu próprio pensamento e ao movimento do assentamento e do mundo” (MOLINA, 2003, p. 128).

Essas ações resultam da responsabilidade dos monitores professores em proporcionar atividades visando uma prática transformadora de caráter intervencionista⁵, possibilitando o diálogo, a reflexão e o conhecimento na perspectiva de formar alunos trabalhadores que possam intervir na construção da subjetividade transformando sua realidade social.

3 REVELANDO A AÇÃO DOCENTE

As relações de cunho coletivo e individual dos envolvidos no MST, os quais possuem crenças, idéias e valores, são (re) significadas a partir da convivência destes sujeitos na organização, partilhando afetivamente da vida do outro. Pois a disciplina, a partilha, a solidariedade, o amor, a arte, os sentidos de valores e as atitudes estão presentes também na ação docente, reforçando a autonomia e o crescimento do próprio movimento, num esforço deliberado de comunicação entre as diversas instâncias e as instituições sociais parceiras. Pois, a sala de aula é o “[...] espaço que abriga todos, dar liberdade, felicidade, formação, escolarização e prazer em viver, interagindo no processo de construção e evolução individual coletivamente” (Josilene de Santana, monitora do Assentamento Zumbi dos Palmares, município de Macambira/SE).

Noutras palavras, o monitor professor busca uma relação estreita entre os envolvidos no processo educativo na possibilidade de conviver com o outro, (re) significando as relações interpessoais com a diversidade de valores presentes no assentamento. Seu esforço é ampliar as oportunidades de escolarização dos alunos trabalhadores que conseguem na terra encontrar mecanismo de sustentabilidade para continuar sua caminhada, “[...] formando seres humanos que pensam, criticam, analisam e explicitam a realidade. O que importa é que todos devem participar do processo para ajudar na mudança do assentamento” (Marcelo Araújo, monitor do Assentamento Queimada Grande, município de Poço Redondo/SE). Pois, a organização social no assentamento é complexa e marcada pela singularidade de sujeitos heterogêneos em termos étnicos, sociais, culturais, éticos, econômicos e afetivos.

O monitor professor que se encontra frente à organização do processo educativo tende a assumir uma postura para ensinar na perspectiva de produzir resultados significativos e concretizar objetivos e finalidades ancoradas nos princípios filosóficos, políticos e sociais do MST. Segundo Tardif (2002, p. 118), ensinar “[...] é desencadear um

⁵ Intervenção é aqui compreendida como um ato de intervir no cotidiano do assentamento, onde os envolvidos no processo educativo tomam medidas necessárias para manter a organização do assentamento, a exemplo do recolhimento do lixo, a necessidade de reflorestamento, como encontra-se descritos nos fragmentos destacados neste artigo.

programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimento e à socialização”. Neste sentido, essas atividades de ensino se manifestam concretamente no âmbito das interações humanas de valores, atitudes, crenças, símbolos e poder.

Já no campo da afetividade essas relações baseiam-se em “emoções, em afetos, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios” (TARDIF, 2002, p.130). Presentes no contexto do assentamento, essas relações, especialmente na sala de aula, são fortalecidas por sentimentos de crenças e místicas. A mística⁶ para Jesus:

[...] funciona como uma das mais importantes formas de desenvolvimento dos valores e dos símbolos. É um ritual realizado sempre no início ou no término de cada atividade e tem, entre outras mensagens, a solidariedade, o desejo de vencer, a denúncia da exploração, a justiça e o amor. (JESUS, 2003, p. 232).

Ela aparece como “[...] a necessidade de organizar e preparar melhor os locais dos encontros nacionais, reuniões ampliadas; pensar as diferentes formas de abertura e encerramento” (BOGO, 2003, p.308) das atividades do MST quando esta representa também uma referência para definir o belo e o sentimentos expressos pelos homens num processo de organização através das ações. Os monitores professores utilizam em suas atividades de ensino conhecimentos práticos provenientes do cotidiano do assentamento numa perspectiva de intervenção⁷ da realidade. O grande desafio é o de como potencializar essas experiências na ação docente tendo em vista a práxis⁸.

Dessa maneira, os monitores professores são movidos pelas emoções, saberes e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. Segundo Gauthier (1998) os saberes necessários à execução das ações que são próprias ao trabalho pedagógico é uma das condições essenciais para o desempenho de atividades de maneira que desenvolva certas competências, como as de “idealizador, transformador sócio político da sociedade” (grifo nosso), ou seja, re-situar todas as informações fragmentárias recebidas dentro de um contexto sócio-cultural mais amplo e mostrar as relações, as mediações, o momento histórico, as condições sociais numa relação dialógica. Todavia, não podemos desconsiderar as formas de organização e as possibilidades de caminhos trilhados pelos monitores professores que apontam para uma reflexão das novas maneiras de pensar o

⁶ Bogo chama atenção acerca do entendimento sobre Mística, pois, há “dificuldades de entendimento estava na origem grega da palavra mística, que está ligada a mistério (mustérion), e daí ao latim eclesiástico *mysterium*, e que, durante a história cristã, este termo foi sendo apropriado pela religião católica e, portanto, pela filosofia idealista “(2003, p. 309) Recomendo para uma reflexão mais aprofundada sobre o sentido da mística no MST a Leitura dos livros: *O vigor da mística* (2002) e *Arquitetos de Sonhos* (2003), ambos de Ademar Bogo.

⁷ Sobre o significado dessa ideia de intervenção, entenda-se como um grau de mobilidade, mobilização, integrações, desejo por mudanças, percepções das necessidades, motivações dos sujeitos na sua cotidianidade.

⁸ Práxis é “[...] a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa de reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática” (KONDER, 1992, p. 115).

conhecimento a ser proposto para os assentados. Eles são os responsáveis pelo processo de intervenção, reconstrução e mediação, com a possibilidade de abraçar a causa da reforma agrária, mobilizando estratégias metodológicas para a re-elaboração de sua proposta de ensino.

Dessa forma, a sua ação docente não consiste somente em fazer algo, fazer mais ou repetir o que viu e ouviu, “[...] pegava o problema definido pelos assentados, preparava uma aula através do debate, garantindo qualquer forma de escrita (desenho), pedindo para que eles possam dizer o sentido da escrita, sem corrigi-los” (Maria Cícera dos Santos, monitora do Assentamento Cajueiro, município de Poço Redondo/SE).

Neste sentido, a construção e reconstrução do conhecimento ocorrem por força da ação, dos sentimentos e dos valores que são fortalecidos pelo retorno destas ações. Assim, o novo conhecimento provoca um re-ordenamento, uma re-interpretação, uma re-significação, uma re-leitura do real, uma nova síntese de conhecimentos.

A ação docente na perspectiva da práxis tem como condição *sine qua non* a efetivação de um processo educativo centrado num projeto consciente, ético-político e social. Dessa forma, apresento alguns fragmentos das falas dos monitores professores que permitem identificar os nexos que têm possibilitado uma prática articulada com o cotidiano do assentados:

[...] Trabalhando a história de vida, experiências, seus conhecimentos, transformando em conteúdo de sala de aula, abrangendo os campos de conhecimento: História, Português, Matemática, Geografia e Ciências. Utilizando a experiência porque aprende com mais facilidade. É vivenciando na prática (...) tendo como ponto de partida a realidade dos assentados - o cotidiano”. (Marcelo Araújo, monitor do Assentamento Queimada Grande município de Poço Redondo/SE).

[...] A aula é uma conversa agradável sobre a vida deles, o cálculo da produção, sua cultura numa troca de experiência (...) os alunos trazem para a sala de aula os problemas e as vitórias” (Cristina Alves, monitora do Assentamento Vaza Barris, município de Pinhão/SE).

[...] levar informações necessárias para o diálogo constante, a exemplo de questões de agricultura, conjuntura política e produção – todos tem o domínio” (Renilson Pinheiro, monitor do Assentamento 22 de novembro, município de Lagarto/SE).

Os fragmentos acima revelam a importância do estabelecimento da interação cotidiana, buscando relacionar os sentidos e as significações, respeitando as possibilidades de re-organizar o conhecimento de forma que os envolvidos no processo educativo construam individualmente e coletivamente sua autonomia na organização social. Pois, “[...] ajuda no processo de autonomia, buscam alternativas para resolver os problemas nos assentamentos” (Edilene Souza, monitora do Assentamento Braço Erguido, município de Poço Redondo/SE).

Este processo decorre de tomadas de decisões por parte dos monitores professores, quando estes têm a compreensão dessa realidade e as relações são

consolidadas nos diálogos estabelecidos entre os assentados. Essa organização se dá através da troca de saberes e da construção de um seguimento onde se penetra também no universo de saberes que podem ser descritos e interpretados por todos à medida “[...] em que acontece a sedução pela caminhada e a motivação de aprender [...] É nela que se descobre o sabor e a felicidade de aprender” (ALFABETIZAÇÃO...,1994, p.10). E mantém fortalecida a organização da realidade social com o objetivo de que os assentados tenham responsabilidade de desencadear ações que possibilitem explorar e compreender como esse processo educativo se concretiza na prática social.

4 EM SÍNTESE

O fortalecimento do desenvolvimento dessa ação docente praticada nas áreas de assentamento, numa perspectiva emancipatória, revela como sendo a educação um dos aspectos indispensáveis para que os membros do assentamento possam alcançar o estatuto de cidadão, compreendendo ainda, que a ação docente é uma produção coletiva e cultural. Dessa forma, faz-se necessário superar as contradições que resultam da desigualdade tal com ela se estabelece na conjuntura atual.

Destarte, ressalto que na busca por essa formação escolarização faz-se necessário o envolvimento político dos monitores professores de tal forma que essa seja uma

[...] formação crítica capaz de fazer aparecer inteligências mais potentes e determinadas a levar adiante a construção histórica de uma humanidade responsável por aquilo que faz de si mesma, dentro da mais ampla condição de liberdade e dignidade de ser” (GALEFFI, 2001, p. 36).

Acredito no fortalecimento do MST quando amplia oportunidades educativas nos espaços de assentamentos, correspondendo numa tradução das potencialidades, das possibilidades presentes na ação docente, que no coletivo produzem alternativas para educar e aprender em um processo de diálogo pensante, demonstrando que essa prática é um elemento viabilizador de conquistas dos direitos sociais, através do compartilhar para emancipar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Márcia Regina; DI PIERRO, Maria Clara. **Relatório geral**. Avaliação externa do programa. São Paulo: PRONERA, 2004.

BOGO, Ademar. **Arquitetos dos sonhos**. São Paulo, 2003.

BRUCKNER, Pascal. **A Tentação da inocência**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ALFABETIZAÇÃO de Jovens e Adultos. Porto Alegre, 1994. (Caderno de Educação, 3).

PRINCÍPIOS de educação no MST. Porto Alegre, 1996. (Caderno de Educação, 8).

CALDART, Roseli Salete. **Educação em movimento**: formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Pedagogia do movimento sem terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

GALEFFI, Dante Augusto. **O ser-sendo da filosofia**: uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia. Salvador: UFUFBA, 2001.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

IANNI, Octavio. **A luta pela terra**: história social da terra e da luta pela terra numa área de Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1981.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. Navegar é preciso. Viver é traduz rumos... Rotas do MST. 2003. 282f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

LA BOÉTIE, Elienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOLINA, Mônica Castagna. A contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de educação do campo e desenvolvimento sustentável, 2003. 144f (Tese de Doutorado) - Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2003.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.